

Iluminismo

O iluminismo acredita que a razão e a autoridade são coisas opostas. Se algo é autoritário, não deve, portanto, ser racional. A autoridade, por sua vez, deve ser combatida por meio do uso da razão.

Para eles(iluministas), uma coisa é autoritária, pois, justamente, não tem nenhuma razão. Então tudo aquilo que tem explicação, razão por trás daquilo, é racional e não autoritário.

O cara que usava a razão era um esclarecido, porque esclareceu-se para ele a razão. Esclarecido é quem adota a razão, e também pode ser chamado de iluminado.

É importante ter em mente que o iluminismo é uma filosofia militante.

Por sua vez, militante é alguém que está engajado com uma coisa. É uma pessoa que, cotidianamente, vai lutar e defender a causa pela qual ela milita. A pessoa irá, dessa maneira, tomar atitudes em defesa do que ela milita.

O iluminista é, portanto, um intelectual militante que é a favor da difusão do uso da razão. Os iluministas não se limitavam apenas à teoria, mas sim, queriam pôr o uso da razão em prática. A visão iluminista é a do intelectual que pratica, defende suas ideias no cotidiano, milita.

É importante destacar que o iluminismo está longe de ser um movimento homogêneo. Pessoas que participaram desse movimento podiam ter ideias completamente contrárias. Ademais, é de notória importância entender que esse movimento não tem um conjunto de medidas, apenas carrega a meta da disseminação da prática da razão para dirigir o processo da vida.

É um movimento bem heterogêneo. Os iluministas se consideravam educadores - intelectuais que ensinavam as pessoas a importância de usar a razão. São militantes na forma de professores. A ideia é, precisamente, espalhar a razão para geral.

No século XVIII, era a ciência que dava a segurança e a confiança na razão.

Pouco tempo antes disso, houve as descobertas das Leis de Newton. Esse cara sintetizou a lei da gravidade. É por isso que, agora, você compreende e visualiza perfeitamente tudo o que acontece. Perceba que isso, para um cara qualquer daquela época, era genial e ao menos revolucionário. Logo, quando as pessoas veem isso, elas começam a acreditar que tudo na natureza deveria acontecer da

mesma forma. Para esses caras empolgados com o sentimento das novas descobertas, haveria uma lei, seja ela física, biológica..., para tudo, explicando tudo. Para eles, isso não só se aplicaria a fenômenos da natureza, mas para qualquer coisa. Tudo deveria ter uma lei que o explicava, seja essa coisa relacionada ao comércio, a sociologia, não importa: deveria servir para tudo.

Para o iluminismo não há diversidade cultural na teoria, pois, seguindo a lógica do movimento, se todos usássemos a razão chegaríamos ao mesmo ponto, já que toda pergunta deveria ter a mesma resposta, e somente uma, pois haveria uma lei que a explicava.

Desse modo, as culturas só são diferentes pois nem todas usufruem da razão. Se usassem a razão, seriam idênticas em seus principais valores, pois segundo a razão, as questões só devem admitir uma resposta correta.

A razão é uma só. A gente teria valores similares devido a razão universal(uma só para todos).

As pessoas que não usassem a razão estariam, simplesmente, erradas.

Quanto mais razão, o índice de coisas boas se aumentam e de coisas ruins se reduzem. Para esses caras, a razão resolve literalmente tudo. Se você aplicar uma ciência exata a qualquer coisa, você chega a uma resposta certa para tudo e não importa todo o resto. Só as ciências exatas importam.

Por ser heterogêneo, é possível termos teóricos iluministas com religiões diferentes. Porém, até na religião(por serem iluministas) deve existir a razão. Para eles, ter uma religião, ou seja, acreditar em um Deus é uma prática racional.

Entretanto, eles não acreditam nas chamadas religiões de revelação, nas quais Deus se revela diretamente em algo, por exemplo, quando ele entrega os dez mandamentos. Para eles, isso não era racional, pois, segundo sua ótica, envolvia fé, mistério e, dessa forma, não poderia ser comprovado pela razão. Outros exemplos são os milagres que para esses caras não são racionais, e sim baseados na fé.

A crença básica deles é o deísmo - Deus existe, é possível comprovar Sua presença, é racional acreditar em Deus, porém não podemos comprovar nada mais a Seu respeito. Ele existe e ponto final.

Relembrando: Esses caras aí eram fãs das leis de Newton, das leis naturais. Isso trouxe algo ótimo: eles criaram a ideia de que existem direitos naturais dos seres humanos independentemente do contexto em que essas pessoas se encontram, ideia essa que é precursora do que hoje conhecemos por direitos humanos, sejam esses reconhecidos e respeitados ou não.

O filósofo da época proclama a razão universal e os direitos naturais. Mas, ao mesmo tempo, esse cara coloniza, escraviza e tortura. Essa parte da história foi meio que apagada, como se nunca houvesse existido, para glorificar esses caras e mantê-los como grandes filósofos.

Dessa forma, os iluministas estudavam a sociedade, justamente para hierarquizá-la. A razão era universal, mas nem todos os povos, em sua visão, eram evoluídos o suficiente para usar a razão. Portanto, é possível observar o racismo pseudocientífico que entra em ação para que a contradição entre o que os iluministas teorizam e o que eles faziam na prática seja legitimada(erroneamente).

Eles diziam que as sociedades da América eram menos evoluídas do que as da Europa.

Despotismo esclarecido

Por ser heterogêneo, existem iluministas a favor da república, do mesmo modo que existem iluministas a favor da monarquia. Voltaire, mesmo defensor da monarquia, não fala do direito divino dos reis(o que não é exatamente algo racional). Dessa maneira, nem todo iluminista quer o fim da monarquia. Alguns monarcas chegaram a conclusão que seria importante, diante desse cenário todo, aplicarem decisões baseadas na ciência e na razão para um bom reinado. Portanto, alguns monarcas acham legal a ideia do iluminismo. Vale lembrar também que nem toda crítica visa a destruição de algo. Quando um rei escuta um conselho para ajudá-lo a administrar e ele põe em prática e isso dá certo, isso fortalece o reino. Alguns monarcas então até patrocinam, incentivam as academias iluministas, para poderem obter maneiras mais eficientes de administrar o reino.

Esse tipo de monarca não deixa de ser absolutista. Entretanto, chamamos de déspota esclarecido os monarcas que tentam aplicar ideias iluministas na sua forma de governo, para racionalizar, melhorar a administração do reino.

Folha dos Autores(apenas alguns aqui).

-Rousseau - Ele é contratualista e meio que usa um pouco da ideia de contrato social criada por Hobbes. Entretanto, o contratualismo de Rousseau era totalmente diferente do de Hobbes. O Hobbes fala que você deve obedecer ao monarca porque lá atrás, muito atrás mesmo, as pessoas daquele tempo fizeram um contrato social para saírem do estado de natureza.

Rousseau acha que ninguém deve consentir pelo seu neto e, por isso, o contrato social deve ser renovado.

Explicando melhor: para ele o absolutismo não é um contrato social, pois ele usa a força, autoritarismo, e não um acordo propriamente dito. É como se essa ideia de governante e governado do absolutismo estivesse desatualizada. É vital entender que a força não cria dever, mas sim necessidade. As pessoas obedeciam, pois elas eram obrigadas, tinham a necessidade de obedecer temendo represálias através do uso da força. Para Rousseau, o contrato social deve se basear na vontade geral e, por isso, a sociedade deveria votar e escolher o governo. O contrato social, agora, promovia o dever de obedecer ao governante, pois, agora, os governados tiveram a possibilidade, chance, de escolher (coisa que não acontece quando eles são obrigados a obedecer que um cara mande neles porque sua família chegou ao poder muitos antes de ter nascido).

Para que um governante autoritário fosse legítimo, seria necessário que, de tempos em tempos, ele fosse renovado, mas aí ele já não seria mais autoritário propriamente dito. Rousseau, então, diz que o contrato social deve ser renovado conforme a vontade de cada geração. Dessa forma, podemos observar que sua ideia é completamente diferente da de Hobbes.

Agora falando dos economistas:

Temos duas vertentes: Inglaterra - Liberalismo Econômico (Adam Smith)
França - fisiocracia (François Quesnay)

O francês veio antes, o inglês usou bastante de seus ideais.

Para a galera desse período, leis são independentes. Por exemplo, a gravidade funciona sozinha e perfeitamente bem, assim como deve ser. Se alguém tenta interferir nessa lei, a pessoa mais atrapalha do que ajuda em alguma coisa.

Acontece que, para esses caras, tudo tem leis, que funcionam perfeitamente bem quando sozinhas. O mesmo serve para o mercado. Isso explica a ideia de que a melhor coisa a se fazer para o mercado era não interferir nele (mão invisível do mercado). Assim, os economistas chegaram à conclusão de que a não intervenção era a melhor forma para o funcionamento do mercado independente. O bagulho era deixar ele fluir naturalmente, pois, para esses caras, ele iria naturalmente se auto regular através das leis de mercado.

O Estado devia parar de intervir na economia. Vemos que os dois pensadores se parecem até agora (essas ideias antes mencionadas são comuns aos dois). Então o que faz um ser famoso (Adam Smith) e o outro não (François Quesnay)?

O que acontece é que Quesnay apresentou uma ideia atrasada no sentido do que realmente era a riqueza. Ele falava que a fonte de riqueza era a terra em si. Só que nessa ele foi burro e pagou mico, porque, por exemplo, o couro do sapato nunca vai custar o mesmo que o sapato pronto. A riqueza não vem da terra em si.

Vendo esse erro, Adam Smith percebe brilhantemente que, na verdade ,então, o que gera riqueza é o trabalho.